



TRIBUNA Livre

27
JULHO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIR. PAULO BARROSA DE MACEDO COORD. ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA PRES. HENRIQUE JOÃO BARROSA DE MACEDO
COM. ED. IRENE BARROSA DE MACEDO Composição, Imprensa e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 2115 - AMARES

Elogio a Braga

É-nos grato falar da Braga dos nossos dias — da Braga em coloração e em surdina de flores nos seus festejos tradicionais, da Braga simples e airosa como rapariga ataviada e namoradeira, da Braga espiritual e efervescente de religiosidade, da Braga adulta e imponente na sua mensagem e no seu destino progressivo.

cas, que subjuga pelo seu património histórico, que areja a alma e o coração que não podem deixar de viver e sentir o significado grandiloquente, na sua expressão mais pletórica e nimbada da nobreza mais luminescente, do seu hino de vida e esperança.

Braga, fiel ao seu passado histórico, à herança gloriosa e nobre dos seus antepassados ilustres—al-

(Continua na 4.ª página)

Em férias, para trabalhar por Amares

Deu-nos a honra da sua visita o Ex.mo Senhor professor Domingos M. da Silva, a quem o concelho está a dever a publicação da Monografia. Já se encontra de férias nas suas propriedades da freguesia de Lago, cheio de boa vontade para terminar o belo trabalho a que nos referimos e que o leitor bem conhece através do nosso jornal. Pena é que este ilustre filho de Amares não seja secundado no seu proveitoso trabalho, por todos aqueles que tenham possibilidades para tal, vindo às colunas deste semanário com todos os dados conhecidos, que tanto poderiam enriquecer a obra empreendida, como foi já solicitado por aquele autor.

A Monografia vai em breve tratar directamente dos assuntos de cada freguesia, no que o autor pretende documentar-se o melhor possível e, na sua incansável tarefa, referiu-nos mesmo que visitaria as freguesias sempre que lhe fosse necessário obter elementos. Por todos estes esforços e ainda pelo seu amor à verdade dos factos históricos, já sobejamente demonstrado no trabalho realizado, merece os nossos louvores e a maior colaboração de quem possa prestar-lha.

A «Tribuna Livre», sempre agradecida pela colaboração prestada, secundará a iniciativa do Senhor M. da Silva e agradece muito que todos lhe dêem o seu concurso.

Estamos já em preparação da parte publicada no jornal, para a reunir num volume que julgamos irá merecer de todos os amarenses o maior carinho, por se tratar de um livro que reunirá a história do Concelho de Amares, a história de cada uma das suas terras.

Inconfessáveis desleixos

O desleixo é sempre condenável, e, por infelicidade nossa, é doença que contamina um grande número: Antes não houvesse desleixados ou, pelo menos, fossem tão ratos como os corvos brancos!

Os imprevidentes, os que sempre pensam ter tempo para tudo, os que com nada se ralam ou antes só cuidam do próprio interesse, são parasitas a sugar as energias da colectividade de que fazem parte, a neutralizar-lhe as actividades, a corroer-lhe as aspirações de desenvolvimento e progresso e a até a encaminhá-la para a ruína e aniquilamento.

É, pois, indispensável medida de profilaxia social combater todos os desleixos, todas as incúrias que, tanto prejudicando, muito desmoralizam.

O nível de cultura de um povo é índice seguro do seu grau de progresso e daquele depende o seu bem estar.

Não será afirmação ousada dizer-se que, sem cultura, não há progresso, assim como também não há cultura sem escola, pois é nesta que as primeiras luzes dos conhecimentos nos patenteiam o caminho daquela.

Assim se explica o interesse que todas as povoações põem na aquisição de escola, considerando-a como factor indispensável de renovação e aperfeiçoamento de seus filhos em ordem a um futuro próspero e feliz. Mas não basta só ter escola: é indispensável que esta tenha edifício próprio e seja dotada de todos os mais requisitos sem os quais não poderá desempenhar, com a devida eficácia, a sublime missão para que foi instituída.

Edifício próprio têm-no as escolas de Bouro, mas à custa de muito trabalho, de muita

dedicação, de inquebrantável tenacidade. Parecia tudo conspirar para entravar e para inutilizar tão audaciosa iniciativa. Chegou-se mesmo a dizer, escarinhamente, que os trabalhos feitos iam ser aproveitados para hospital. Há almas...

O iniciador, a alma de tão importante melhoramento é que nunca desanimou. Teve de vencer obstáculos que pareciam irremovíveis, mas venceu-os e o edifício aí está alto-neiro, gracioso, acolhedor, causando admiração nos próprios superiores que o visitam, de como foi possível a construção de tão belo edifício aqui nesta aldeia.

E esta estranheza é tanto mais de considerar e de meditar, quanto é certo que a freguesia dá provas de não merecer tão apreciável melhoramento.

A grandiosa obra que um Bourense idealizou e realizou na ânsia de ser útil à sua terra e de lançar as bases de uma renovação geral, alicerçada na educação de todas as crianças, de maneira que nenhuma ficasse privada do baptismo escolar e por ele se tornasse apta a navegar no vasto oceano dos conhecimentos, não teve, até agora, quem mais a acarinhasse, quem mais se interessasse por levar a bom termo empresa de tão largo âmbito.

Por agora não há tempo para mais, mas voltarei ao assunto se o gentil acolhimento, que a «Tribuna Livre» tem dado aos meus insípidos arrasoados, continuar a ser-me dispensado, no que muito me penhorará.

AFÁ

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

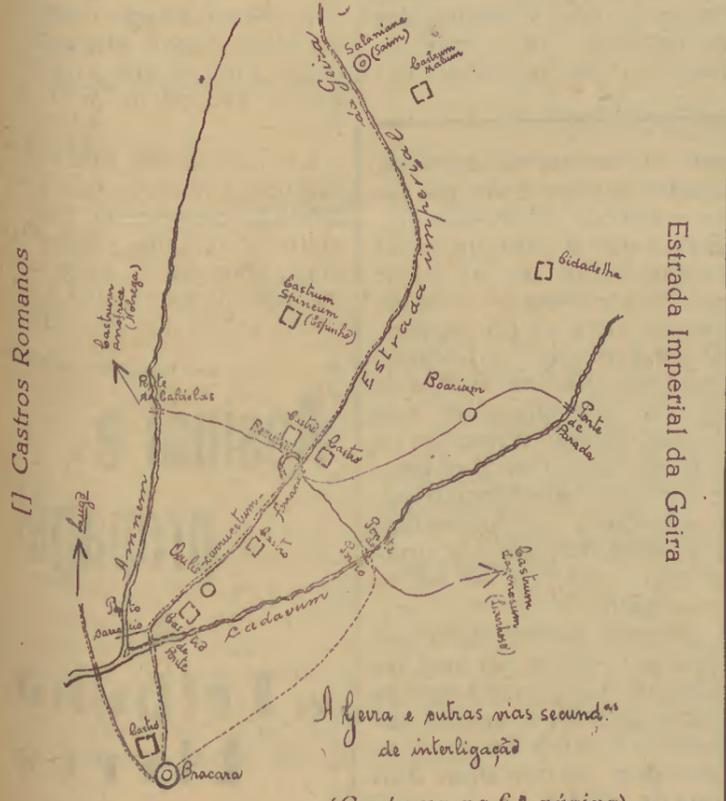
Requeam foi o primitivo nome da freguesia de Caires, Quaires, Coayres; Inquirições — Quairas de Requiam.

Note-se quão fracos foram os limites paroquiais entre esta e a de Ferreires, que a HONRA DE VASCONCELOS abrangia as quintas de Bornaria e de Requeão com 12 casais que eram igualmente «honras» desta nobilíssima família; e isto significa que em tempos mais afastados «Requiam» teria mais amplos limites.

Daqui começava a Geira na sua ascensão, flanqueando as encostas de S. Pedro-fins, passando às da serra do Monte, sob «Castro-Mau», até à antiquíssima cidade «Salaniana» (Saim, sobre Choreense) outra estação das milícias romanas, segundo Argote.

A partir de Caires sempre foi bem conhecido o seu traçado.

Pinho Leal tenta explicar esta designação topográfica de S. Pedro-fins, eminência outrora assinalada também



(Continua na 6.ª página)

Viagem Presidencial ao Brasil

IV Ligeiros Aspectos da Colonização Brasileira

(Contin. do penúltimo número)

O «Albuquerque do Ocidente», como foi apilidado Mem de Sá, depois de ter dado batalha aos aborígenes por forma a contê-los dentro do devido respeito, dirige-se ao Rio de Janeiro, em 1560, combate e derrota os franceses na ilha fortificada de Serrepe e recolhe depois a S. Vicente para reparar as naus danificadas no combate.

Dali vai a Piratininga e ordena que a vila seja transferida para junto do Colégio missionário, onde veio a formar-se, à sombra benfazeja da Companhia de Jesus, a mogestosa cidade de S. Paulo.

Estabelecia assim as bases para a edificação gigantesca das duas grandes cidades do Brasil, que se desenvolvem ainda em ritmo impressionante. Inicia as bandeiras para exploração do Tietê e re-

gressa à Baía para enviar expedições às capitanias de Porto Seguro e Ilhéus, atacadas pelos aimorés.

Em Pernambuco combatia-se também denodadamente contra os tupinambás. Mem de Sá afirma-se incansável no governo e infatigável nas armas que aprendeu a manejar com Albuquerque na Índia.

Assim se caldeava a unidade
(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA

CUIDADOS COM O

Trigo para semente

Nos últimos anos tem-se verificado que muitos lotes de trigo produzido para semente ao abrigo do Decreto-Lei N.º 29.999 têm sido reprovados no ensaio preliminar do grão, deixando de ser aproveitados para semente, perdendo-se, para o produtor, por consequência, o bônus de \$40 por quilograma.

Dentre as causas de reprovação destacam-se duas que são susceptíveis de ser eliminadas ou, pelo menos, atenuadas, se forem tomados alguns cuidados, especiais por parte dos produtores: referimo-nos ao «excesso de impurezas e à mistura com outras formas cultivadas» além dos limites permitidos por lei.

«Excesso de impurezas» — para se evitar este inconveniente impõe-se:

a) — por efeito indirecto, promover a cuidadosa monda das searas;

b) — por efeito directo, proceder a uma regulação perfeita das debulhadoras a quando das debulhas das respectivas searas.

Temos, no entanto, que observar que, se forem utilizadas as ceifeiras-debulhadoras, só se consegue uma limpeza eficiente se os trigos, depois de colhidos, forem secos numa eira e limpos pela acção do vento ou, melhor, por meio mecânico, (tararas de limpeza).

«Mistura com outras formas cultivadas» — para se evitar quando possível a mistura que exceda o limite permitido por lei, preconizam-se as seguintes normas:

1.º — Respigamento das searas. As espigas que ofereçam dúvidas de pertencerem à forma cultivada da seara devem ser também eliminadas.

2.º — No carreto e formação do frescal deve haver o máximo cuidado em que os molhos das searas não fiquem próximo de outros frescais. O ideal será que cada seara seja debulhada em eira própria.

3.º — Na debulha, conforme se utilizar ceifeira-debulhadora ou simples debulhadora, há que considerar dois aspectos:

— no primeiro caso, quando já tenha sido debulhada a seara doutra variedade, deve a máquina ser limpa cuidadosamente e mesmo assim devem ser desprezados os primeiros 5 sacos;

— no segundo caso, convém sempre intercalar entre a debulha de duas searas de trigo de variedades diferentes, uma seara de cevada ou aveia. Mesmo assim, os primeiros 5 sacos e os 5 últimos devem ser eliminados do lote de semente e destinados ao lote de consumo.

Estamos certos de que se os produtores, seguirem as recomendações que atrás fazemos, ficam menos sujeitos a terem os seus trigos reprovados no ensaio preliminar do grão e não perdem o bônus de \$40 centavos por quilograma, que compensa bem o pequeno acréscimo de despesas que aqueles cuidados originam.

Condições favoráveis ao desenvolvimento do mildio na videira e modo de propagação

A temperatura e humidade são os agentes atmosféricos que maior influência têm no desenvolvimento da doença.

Sempre que as temperaturas compreendidas entre 20º e 30º se juntam as necessárias condições de humidade, os estragos provocados pelo mildio são de temer.

A propagação da doença dum ano para o outro faz-se da seguinte forma: dentro dos tecidos das folhas parasitadas formam-se durante o Verão e Outono uns orgãos, chamados esporos de inverno, diferentes daqueles que constituem a eflo-

rescência branca que aparece na superfície das manchas das folhas e hastes dos pâmpanos e nos cachos em princípio de desenvolvimento. Na Primavera, esses esporos que foram levados para a terra pelas folhas atacadas aí caídas, germinam originando as primeiras infecções nos orgãos verdes recentemente desenvolvidos e molhados; por isso as chuvas e as grandes orvalhadas da Primavera são consideradas um dos maiores perigos para a viticultura.

O desenvolvimento daquela primeira infecção dá origem à formação da eflorescência branca já referida constituída por outro tipo de esporos que podem ser transportados a grandes distâncias pelo vento, ocasionando as sucessivas infec-

O mildio da videira

Todos os anos, com menor ou maior intensidade conforme o correr do tempo, as nossas vinhas são atacadas pelo mildio, sendo bem do conhecimento dos viticultores a importância dos estragos que esta doença pode ocasionar e que chegam por vezes à perda total da colheita.

SINTOMAS

Nas folhas, o primeiro sintoma consiste no aparecimento de uma mancha, com um aspecto especial, que deu origem à designação vulgar de «nódoa de azeite» e que é o desenvolvimento do parasita no interior dos tecidos.

Mais tarde, na página inferior da folha e em correspondência com aquela mancha, aparece uma eflorescência branca constituída por uma espécie de sementes do fungo chamadas esporos.

Porém, quando a constituição dos tecidos é menos favorável ao desenvolvimento do parasita (nas folhas adultas das variedades sensíveis ou mesmo nas folhas novas das variedades resistentes) em vez da «nódoa de azeite» aparecem pequenas manchas poligonais, bem delimitadas, formando como que um mosaico.

Na haste dos pâmpanos os sintomas consistem, geralmente, em manchas escuras que se estendem ao longo dos entrenós.

Sobre estas manchas podem também desenvolver-se as frutificações do fungo, principalmente nas partes ainda tenras que murcham e por fim secam. Quando são atingidos os nós os pâmpanos partem às vezes por aí com facilidade, o que se designa vulgarmente por «desnoca».

Nos cachos a doença apresenta aspectos vários conforme a altura do desenvolvimento em que eles se encontram e o estado do tempo.

Se estão ainda no princípio do seu desenvolvimento cobrem-se, geralmente, da mesma eflorescência branca que aparece na página inferior das folhas e nas hastes dos pâmpanos. Muitas vezes,

ções que se vão dando durante o período de vegetação da videira.

O EMPREGO de ceifeiras-debulhadoras

Um inquérito recente efectuado entre os agricultores franceses que utilizaram ceifeiras-debulhadoras demonstra que o seu emprego apresenta vantagens importantes.

Apesar das condições excepcionalmente más do inverno e do verão de 1956, ainda na memória daqueles agricultores, este oportuno inquérito apresenta uma actualidade singular, pois em campanha alguma a recolha de cereais teria sido feita em condições tão difíceis, e mesmo assim, aqueles utilizaram as ceifeiras-debulhadoras afirmam ter colhido úteis ensinamentos.

As vantagens mais salientes em anos normais, são as seguintes: a economia da mão-de-obra, a mínima perda de grãos, a realização imediata de fundos, acelerado em anos mais chuvosos. Com efeito, muitos agricultores observaram que a colheita com a ceifeira-debulhadora é a única viável nas searas acamadas. Por outro lado os prejuízos ocasionados por as searas ficarem de pé para além do período de maturação, são reduzidos, notando-se apenas que desgranam um pouco.

Nalgumas regiões da França, as colheitas foram salvas «in extremis» nos últimos dias de Setembro e primeiros dias de Outubro, graças às ceifeiras-debulhadoras. As perdas verificadas, foram bem menores, do que as registadas nas colheitas executadas com as ceifeiras-atadeiras.

Contudo, não podemos concluir que o trabalho executado com a ceifeira-debulhadora, foi fácil em 1956. Mas, em realidade, as dificuldades encontradas, são sempre de dominar. As principais po-

porém, secam no todo ou em parte, antes do aparecimento da eflorescência. Basta que o ataque se dê numa parte do pé para que seque toda a parte do chacho que se lhe segue. Quando os cachos já estão bastante desenvolvidos a doença manifesta-se nos bagos, ou por manchas de aspecto vario ou por uma coloração anormal baça, (acizentada ou castanha), e podem amolecer e apodrecer por fim, ou secar ou engelhar.

Muitos destes sintomas podem, porém, ter outras causas, o que torna muitas vezes difícil ou mesmo impossível, saber ao certo se se trata ou não dum ataque de mildio.

dem-se localizar no estado cultural das searas, nomeadamente: a presença de ervas daninhas e a falta de homogeneidade da maturação.

As ervas provocam entaves extremamente frequentes, humedecendo os grãos e sobrecarregando as peças de limpeza da debulhadora, agravada com a destruição de numerosos grãos.

A quebra de homogeneidade na maturação é um inconveniente sério que favorece a alteração do grão no conjunto, com depreciação dos lotes. Outra dificuldade: nos terrenos com pouca consistência, certas máquinas pesadas, provocam frequentes enterramentos.

A humidade exagerada dos grãos não se sente muito nas explorações largamente equipadas. Em contrapartida, ela causa sérias dificuldades às empresas que utilizam as máquinas frequentemente, e as fazem funcionar exageradamente em circunstâncias que não se prestam a uma recolha normal.

Em conclusão, podemos fixar as seguintes ideias:

1.º — em ano normal, a ceifeira-debulhadora apresenta importantes vantagens.

2.º — em ano húmido as vantagens são também acentuadas;

3.º — no entanto, muitos agricultores, ainda não assimilaram as regras fundamentais da ceifeira-debulhadora: recolha em plena maturação, trabalho durante o período solar, quando o grão estiver bem seco, corte alto, emprego rigoroso das regras, etc.

4.º — em estação húmida, é particularmente interessante dispor a maquinaria para uma grande capacidade de trabalho;

5.º — finalmente, certas precauções culturais impõe-se, particularmente com vista à utilização da ceifeira-debulhadora: emprego de variedades precoces de palha curta e luta contra as plantas adventícias.

Assinai e propagai
A
«Tribuna Livre»

TRIBUNA do CONCELHO

Julgamento

Na passada terça-feira, dia 23, foram julgados no Tribunal de Amares António da Cunha e mulher da freguesia de Santa Marta.

Os réus eram acusados do crime de infanticídio verificado na ocasião do parto. Ao Tribunal presidiu o Corregedor do Círculo sr. dr. Francisco de Azevedo Soares (Carcavelos) ladeado pelos Juizes Armâdo Barbosa e João Gonçalves Dias.

A audiência chamou à sala do Tribunal uma assistência numerosa interessada no desenvolver do julgamento e ávida pelo seu resultado até porque entre nós este é o segundo julgamento do género no prazo de alguns dias e está outro para se fazer também dentro de dias.

Os peritos médicos, chamados a depor sobre as conclusões a que chegaram foram unânimes em referir que a morte se deu por anemia. Em seu entender a anemia deitou de hemorragia em virtude do cordão umbilical não ter sido laqueado e se encontrar arrancado pela base. Os réus defendiam-se alegando que a partorienta se encontrava só e foi vítima de um desmaio prolongado. O réu, marido, diz ter chegado tarde e ter deparado com a criança morta.

Os peritos aceitam como possível o facto e que o tempo referido do parto à chegada do réu seria o suficiente para a morte do recém-nascido.

A prova testemunhal não oferece indícios sérios e situa-se nos boatos que sempre acompanham estes casos.

A defesa é decidida quanto ao bom comportamento dos réus que julga incapazes do delito de que vêm acusados.

O Tribunal lê os quesitos e regressa para deliberar findo o que é lida a sentença que absolve os réus. Foi defensor destes o sr. dr. António José da Costa.

De visita

à nossa Redacção

Tivemos o prazer de receber na nossa Redacção e nas instalações tipográficas de A Modelar, e Ex. mo Senhor Francisco Cunha, importante industrial de Manaus, que veio de visita ao nosso amigo e colaborador da «Tribuna Livre» Ex. mo Senhor José Manuel de Macedo. A semelhança do que tem já acontecido com outros ilustres visitantes, as nossas oficinas impressionaram o Senhor Cunha, de quem recebemos felicitações. Agradecemos,

Caido a um tanque

Na semana passada, na freguesia de Carrazedo, onde vive, o pequeno Elísio Gonçalves, de 13 anos, caiu a um tanque.

Socorrido já quando estava inanimado e quando mal dava sinais de vida, foi salvo em último instante pela intervenção médica.

Marco do CORREIO

De S. Paulo recebemos uma carta do nosso assinante sr. Domingos Lázaro Gonçalves. Envia fotos da vitória de Artur Coelho na prova ciclista «9 de Julho» e diz que em ciclismo marcamos no Brasil, mas em futebol...

E' velho e bem debatido: os portugueses do Brasil sentem como ninguém os êxitos e as derrotas das nossas embaixadas, daí o receio que sentem com a visita dos nossos clubes de futebol. Ainda bem que o Bemfica tem feito umas coisas de jeito.

Vida elegante

Aniversários

Amanhã — Os srs. Alberto Gonçalves, Joaquim de Araújo Gomes e o menino José Narcizo da Cunha Dias.

Quinta-feira — A sr.ª D. Etelvina do Carmo Leite Macedo.

Sexta-feira — A sr.ª Maria Helena Gonçalves Vieira.

Sábado — O sr. Armando Joaquim Dias.

Novos assinantes

Por indicação do nosso conterrâneo Sr. Candido Palhares, actualmente em Lisboa, tivemos a honra de inscrever como novo assinante o Sr. João Ferreira Talina, natural de Ficalte e também actualmente em Lisboa. Gratos pela sua indicação.

Por indicação do Sr. Manuel Antunes da Silva, desta Vila, inscrevemos como novo assinante a Sra. D. Etelvina F. do Amaral, actualmente a residir em Lisboa.

A ambos os nossos conhecimentos.

apraz-nos registar a visita, tanto mais que o ilustre visitante é conhecedor do nosso ramo industrial.

LAGO

Do Brasil, de Angola, da Guiné para só falar de longinquas paragens, nos tem chegado pedidos insistentes para não deixarmos de, através de «Tribuna Livre» dar notícias desta terra.

Compreendemos o interesse desses senhores, filhos de Lago. Já estivemos também longe, em terras ultramarinas, e avaliamos pelo nosso de então, o vosso interesse por notícias da terra.

Gostaria, pois, de todas as semanas, conversar com vós. Acontece, porém, que há semanas em que não nasce, nem morre, nem casa ninguém.

Que dizer, então? Falar de política?

Não vale a pena que aqui não há oposição. Foi esmagada, cremos que para sempre, nas últimas eleições para a Junta de Freguesia. Morreram pois as aspirações «de mando» nesses políticos. Também foi o que nos valeu, se não iríamos viver sob a mais feroz ditadura.

Falar de obras? Não, que a Câmara não tem verba disponível. A Junta bem queria o imposto de trabalho, mas não pode ser.

E à propósito informo que aquela projectada estrada, de que tinha dado notícia, e que partindo da Ponte do Bico iria até à Igreja, parece que já lá não vai. Fica como está. E é pena. Que o digam os senhores Camilo Pereira, Maurício Queiroz, Joaquim Ferreira e Dr. Teixeira de Sousa, que quando viessem com os seus automóveis tinham essa linha recta (nem que ficasse um pouco curva) para pouparem gasolina.

Portanto de obras, temos falado.

De religião? Meu Deus, como é triste verificar que esta vossa e nossa freguesia está descristianizada. Quem a conheceu há anos pasma. Tanta gente que deixou, na verdade, de frequentar certos actos.

Uma tristeza, amigos.

...E concluindo: Sempre que possa e as haja dar-vos-ei notícias desta santa terra. Para já aí vão algumas.

— Realizou-se, no passado domingo, dia 21, conforme noticiamos, a festa em honra de N. S. de Saúde, que decorreu muito animada.

Constou de missa cantada, sermão, procissão com muitos andores, e muitos anjinhos.

A festa foi abrilhantada pela Banda de Amares. Os altofalantes também se fizeram ouvir.

—O tempo tem corrido admiravelmente para a agricultura.

— Muitos lavradores tem vendido o seu vinho a retalho. Estão neste momento a vendê-lo o sr. Abade e a Rosinha Lopes.

—A esposa do sr. Albino Mendes (Estrada) presenteou-

com uma menina, e a do sr. Augusto Veloso, funcionário da Viação Tecedeiro, presenteou-o com um rapaz (que era a sua ambição).

—Lemos nos jornais que no Paquistão se vai realizar o concurso de o maior mentiroso. Que pena este concurso não ser cá em Portugal. Enviávamos um candidato que seria um sério pretendente ao título.

—A uma pessoa daqui que se encontra em Angola e nos pede que o informemos se já começaram as obras do Salão, para o qual se fez um cortejo, informamos que ainda não. E' verdade que eram para principiar em Março, segundo se dizia, mas ao que parece o arquitecto encarregado de fazer o projecto ainda o não acabou...

E pronto amigos, por hoje fiquemos por aqui.

J. P.

Caires

Exames de 3.ª classe — Na linda, nova e moderna escola primária desta Freguesia, sita no lugar do Paço Velho, acabam de fazer exame de 3.ª classe, com os melhores resultados os seguintes meninos: Hermínio Faria da Silva; António da Rocha Antunes; Carlos Antunes Vieira; João Soares Ribeiro; António da Mota Gonçalves; João Ferreira Pinheiro; Domingos do Nascimento Ferreira; José Daniel Almeida Borges; Domingos Arantes Gonçalves; João Dias; Alfredo Pinheiro Dias; José Pinheiro Rodrigues; Arlindo Macedo Rodrigues — e as meninas: Cândida Pinheiro Ferreira; Rufina Pinheiro Fernandes; Maria Fernandes Rodrigues; Adelaide Arantes Esteves, etc. A estas brisas crianças, a seus pais e dedicadas professoras, mórmente à Senhora D. Maria Iria Alves de Sousa Rios, os nossos parabéns e felicitações.

Baptizado — No passado Domingo, recebeu as águas lustrais do Santo Baptismo, a menina Rosa Maria Baptista da Silva, filha do considerado e benquista proprietário José Joaquim Baptista da Silva e sua dedicada esposa Maria Faria da Silva. Foram padrinhos os tios maternos de Caldela. Alexandre da Silva e sua irmã Rosa Faria da Silva, ali muito considerados. A' neófita, a seus pais, a seus avós paternos e maternos, que ali também estiveram presentes, muitas felicidades no porvir.

Aniversário — Na passada segunda-feira, dia 15, do corrente, celebrou o seu aniversário natalício a distinta Senhora D. Camila Rosa Fontes de Almeida, da importante Casa dos Rios, desta

freguesia; mais uma vez aquele esteve em festa. Pois que aquela data se repita e se festeje por muitos anos, são os nossos mais vivos desejos.

Santo António — No passado domingo, a festa de Santo António e a inauguração da electrificação do Altar de Santo António, tudo correu uma maravilha; excedeu a expectativa. Parabéns à Comissão e aos Antónicos de Caires.

No próximo dia 4 de Agosto, todos a S. Pedro.

P. Calistro Vieira

HUMORISMO

Esportezo

Chegou-se um vilão a um labrego e perguntou:

—Quantos cavalos há nesta terra.

Havia três, mas agora chegou outro de fora, e temos cá quatro.

O relógio

—Este teu relógio é cronómetro?

—Não.

—Meio cronómetro?

—Não.

—Ancora?

—Sim... de salvação nos momentos de apuros.

A cona passa-se na estação do Rossio

Um cavalheiro chega-se a um guiché e diz para o empregado:

—Dê-me um bilhete.

—Para onde?

—Para o combóio.

—Mas para onde?

—Para 2.ª classe.

—Está bem, mas onde vai?

—Vou ao enterro de meu avô.

—O que eu quero dizer é a terra.

—A do meu avô, ou a minha?

—Essa onde se faz o enterro.

—O meu avô não vai para a terra: vai para o jazigo de família.

—Não é isso que eu li: pergunto: eu quero saber é o nome da terra, da vila da aldeia, para onde o sr. vai.

—É uma cidade, não é uma aldeia.

—E como se chama?

—Quem? Eu?

—.....

—O empregado desmaiou.

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quiosque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

VIAGEM PRESIDENCIAL AO BRASIL

(Continuação da 1.ª página)

de territorial e política do Brasil, em que a acção missionária intervinha como mediana na dura luta travada.

Os guerreiros convenciam pela força e os missionários protegiam e recolhiam os perseguidos sob a amena bandeira do evangelho, opondo à crueldade da lança e da espada, a brandura do catecismo e da Cruz.

Não se procedeu como outros povos colonizadores, que preferiam exterminar o aborígene a civilizá-lo, mantendo a mais extrema repugnância pela mistura de raças. Os portugueses chamavam à ordem os seus antagonistas, mas em contrapartida admitiam-os no seio da sua civilização, instruindo-os, catequizando-os, ensinando-lhes a contrapor aos seus instintos selvagens a suavidade da Lei de Deus, criando pela fusão da raça, esse tipo étnico que se veio a chamar "mameluco", admirável espécime que tanto havia de ajudar-nos na árdua tarefa do bandeirismo, a sub-

meter a selva e o aborígene na imensa luta pela posse do «hinterland». Tornou-se intransigente instrumento de conquista, orgulhoso da sua descendência e favorecido pelos dotes físicos apropriados às duras lides em clima tropical. Surge nele o obreiro valioso da pátria grandiosa que se pretendia formar. O «mameluco», tendo passado de semi-selvagem pelo sangue a homem civilizado pela educação, auxiliado pelos povoadores portugueses, trava a batalha final contra o rebelde aborígene para trazê-lo à civilização cristã.

* * *

Na galeria de heróis que temos vindo a descrever, os verdadeiros «Pais do Brasil», avulta a figura notável de D. João III que, dotado de autêntica heroicidade cívica, na maior das dificuldades financeiras, sem divisar proveito, sustentou a sobrecarregada herança que lhe havia sido transmitida e, sem nada que o pudesse deter, trata o caso do Brasil com o aprumo moral e a energia de estadista zeloso, como era sua norma. Concebe com os seus homens de estado o grandioso plano de povoamento, organização civil e militar, fomento e unidade do território brasileiro, e trava árdua batalha pelos seus direitos soberanos, com zelo raramente igualado.

Este caluniado Rei, cheio de dignidade e prudência, supomos que foi vítima dos inimigos figadais da Companhia de Jesus, que lançaram sobre o manchado Tribunal da Inquisição por ele criado, o maior dos anátemas, sem se recordarem que, à parte os excessos cometidos e que eram, mais fruto da época do que resultado de injustiças, as suas 1.500 sentenças de morte proferidas durante dois séculos, foram incomparavelmente menos injustas do que a ceifa

de mais de duas mil vidas de cristãos novos, apenas em dois dias e sem culpa formada, na célebre matança dos Judeus em Lisboa.

Mas estas últimas considerações não fazem parte da história do Brasil, nem ali a Companhia de Jesus teve o mínimo negrume a tolher-lhe o brilho.

O Brasil tem uma grande dívida de gratidão a pagar a este Rei que Oliveira Martins propôs se chamasse «Colonizador».

A nós parece-nos que, a não honrar-se a sua memória neste quarto centenário da sua morte (11 de Junho de 1557), deveria reservar-se-lhe lugar proeminente no monumento em projecto ao «Pai Português»: junto de todos esses pais descobridores, povoadores, colonizadores, espirituais, construtores, do «Pai Fundador da Pátria» e «do Pai do Império Independente», ficaria bem a figura austera de D. João III, que nós passaremos a chamar o «Pai dos Pais».

EME

Continua no próximo número com

Apoetóica Jornada de A

Incêndios

Dois em Figueiredo

Às 14 horas, do dia 25, foi feita uma chamada aos Bombeiros Voluntários de Amares, para para um incêndio que se havia propagado num prédio pertencente ao sr. António Maria de Araújo, do lugar de S. Sebastião, Figueiredo, e logo às 14,30 repetia-se a chamada para a mesma freguesia, requisitando os Bombeiros para extinção de um outro incêndio, no mesmo lugar e freguesia, em prédio do sr. Avelino J. Pinheiro, tendo comparcido em ambos os locais.

Constou que estes incêndios foram propagados por crianças que utilizaram tósteros em brincadeiras de mau gosto.

Foi empregado material de sapador e os prejuízos foram insignificantes.

Um em Caldelas

Os Bombeiros Voluntários de Amares, depois de terem prestado guarda de honra durante as solenidades e procissão de Santiago em Caldelas, ficou de prevenção e por volta da 1.30 da madrugada, depois de iniciada a primeira sessão de fogo, propagou-se incêndio que foi rapidamente extinto, graças à acção rápida do corpo activo ali presente, sob a orientação do Chefe Afonso.

BOMBEIROS DE AMARES
Telefone n.º 62113

Elogio a Braga

(Continuação da 1.ª página)

guns cinzelados no granito frio que o tempo vai cobrindo de pátina doirada, outros no mármore esculpido a golpes de dedicação, amor e ternura, e outros ainda para sempre lembrados na boca e no pensamento das gerações presentes, estafetas da formação espiritual das gerações vindouras — Braga é, todavia, uma urbe que enfrenta heróicamente, conscienciosamente, os problemas do evoluir fenomenal da existência que ora decorre, em todas as suas esferas e em todas as suas direcções.

Quem vem até ela — fresca e apetitosa, vaidosa e brincalhona — e lhe apalpe os contornos com olhar de observador inteligente e atento, certamente que terá de concluir que ela é a cidade mais castiça de todo o Minho, a que vivendo avidamente um presente rico de emoções e ideias modernas, se não esquece que é sobretudo na riqueza do seu folclore e na cor da sua etnografia que reside a força da sua fé, a dignidade da sua fisionomia altaneira, pois que a cosmetologia moderna e sabedora do seu mister não consegue destruir as cores e a beleza da sua graça e encanto naturais.

Vive fiel ao seu passado e fiel ao seu presente: segue o seu destino na marcha ascensional do tempo, e até se diria que os momentos incertos que ora

se vivem e por nós todos passam mais realçam todo um mundo de beleza e maravilha que as nossas retinas encontram na paisagem que a envolve, nos montes que a abraçam, nos miradouros que sobre ela se debruçam — o Bom-Jesus do Monte, o Sameiro, a Falperra.

Remonta a jazigos de história milenária a sua origem de cidade afeita para grandes empreendimentos que têm assinalado os ciclos que vão urdindo o caudal imenso, de ontem até hoje e daqui para o futuro, dum civilização que ela tem iluminado com luzernas de epopeia magestade. É por isso uma cidade venerada e veneranda.

Erguemos-te — ó Braga! — o nosso pequeno e ainda que incolor elogio. Aqui o deixamos, simples como a simplicidade com que te apresentas aos nossos olhos sem ambições; humilde como a humildade santa da raiz e da terra que foi tua mãe e teu berço, apaixonante como a paixão com que encaras a realidade asoberbante de Presente — sempre e crente no teu valor e sempre renascente de Esperança.

Joaquim Monteiro (Jorge)

CASAMENTO

Rapaz de 25 anos, motorista, com futuro sólido, em Angola, deseja corresponder-se com menina de 20 a 22 anos, bem comportada

PEDE FOTO

Resposta às iniciais J. S. E — C. P. N.º 899 — Angola.

Festa de N. S. da Saúde em Lago

Realizou-se, conforme havíamos noticiado, a festa a N. S.ª da Saúde.

A procissão esteve esplendorosa com bastantes figurados e muitos andores.

A ordem esteve mantida por uma força da G. N. R. sob o comando do 1.º cabo Snr. Briote.

Esteve a festa muito concorrida tanto por gente daqui como das freguesias vizinhas.

Tudo correu muito bem, a não ser o Bazar.

Com o Bazar foi uma tristeza. Apenas apareceram 4 «segredos». Há que tirar uma conclusão: O povo sabendo que as festas anteriores tem tido saldo favorável e não sabendo em que é gasto esse saldo, abstem-se de oferecer os seus segredos. E com razão: oferecer a quem?

J. P.

CONDIÇÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00
Ano 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 92\$00
Ano 182\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00
Ano 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 115\$00
Ano 230\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00
Ano 120\$00

Pensão do Eirado

DE **José Maria Antunes**

Quartos para vários preços, instalações modernas e quarto de banho, etc.



Telefone 6532

Termas Caldelas

RECORTES

Secção de ODECAM

LENDA DE S. CRISTOVÃO

Um dia uma linda criança chegou à margem do rio e pediu ao nosso gigante que a passasse para a outra margem. «Nada mais fácil», disse Ófero sorrindo, «podia passar até quinze crianças de uma só vez em meus ombros». Sentou a criança sobre o ombro e entrou no rio; a criança lhe parecia leve como uma pluma; mas, coisa extraordinária, tornou-se cada vez mais pesada! O gigante ficou perturbado e os ombros envergaram-se-lhes sob o peso. Não sabia explicar este fenómeno. Estava realmente perplexo! Quando chegaram ao outro lado do rio, o peso aumentou de tal maneira, que o hércules succumbiu e caiu.

— Quem és tu? perguntou muito admirado ao menino; és um feiticeiro ou um mágico?

— Nem uma coisa nem outra, respondeu a criança; sou o Salvador, o rei mais poderoso do mundo a quem estás procurando. De agora em diante, podes trabalhar para mim e serás chamado, Cristóforo.

— Mas porque ficou tão pesado? perguntou Cristóforo; quasi teu peso me faz cair no rio.

— É porque carrego os pecados do mundo, respondeu o Salvador, e estes são muito pesados; sentiste apenas uma mínima parcela do peso.

Dito isto o Salvador desapareceu.

Cristóvão, porém, tornou-se um servo fiel do Salvador, do rei mais poderoso no céu e na terra.



**Quem neste jornal anuncia
o seu negócio amplia**

Folhetim da "Tribuna Livre,, 30

SEMPRE NOIVOS

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Por Porfirio de Sousa

— Tenho uma vaga ideia dele, tenho, de o ver quando eu ia para lá às águas.

— Pois esse médico foi todo o meu sonho, toda a minha realidade, toda a minha ventura!

Fingia-me, em casa, doente dos intestinos e ia, também, todas as semanas, a Caldelas, à consulta...

Passei, assim, alguns anos, os melhores da minha vida, até que me apareceu o Jacinto e casei com ele...

— É nunca mais foi à consulta a Caldelas...

— Quando apanhava seguro o Jacinto, no monte, a roçar mato, ia de vez em quando, a Caldelas, à consulta, pois continuava a sofrer dos intestinos...

— Hoje já ninguém olha para nós com o interesse dos outros tempos, senhora vizinha.

— Os homens de hoje têm os gostos estragados!

Também os de agora não se podem comparar, nem por sombras, aos do nosso tempo.

Era cada rapaz desempenado e bonito!

Todos usavam bigode que lhes dava um graça... captivante!

Os de hoje nem homens são; cara rapada, sem bigode, sem cor... e sem acção!

Só gostam dessas raparigas secas, amarelas, rasas como uma tábua de engomar, que se vestirem umas calças e um casaco não se sabe se são homens ou mulheres, visto não apresentam qualquer volume feminino no peito que as destinga.

Eu ainda não me trocava por qualquer dessas delambidas que para aí há!

— Mas estão no seu tempo, Senhora Eufrásia.

Album de coisas várias

Do sr. António da Silva Miranda, de Braga, recebemos o seguinte postal.

«Os meus cumprimentos a V... Tenho lido as suas crónicas e mesmo contando com as *grialhas* que por vezes embaciam o seu brilho não posso deixar de dizer-lhe que admiro a sua prosa e os seus pensamentos. Este tem o fim de lhe pedir o favor de me dar um resumo da história da Imprensa, com a indicação dos melhores jornais que se publicam no mundo, incluindo Portugal, bem assim o nome das agências de informação que existem. Etc., etc.»

O que este leitor me pede

daria uma excelente crónica se eu estivesse suficientemente esclarecido e documentado sobre a história da Imprensa desde a consagração plena do invento de Guttemberg, antes do qual os homens já se ligavam por meio da escrita. Confesso até que não sei se existe algo referente ao assunto. Pode ser que exista, mas a verdade é que eu não estou, como disse, esclarecido e documentado sobre tal. Talvez que algum outro leitor possa fornecer ao sr. Miranda o resumo da história da Imprensa que me pede.

Vou, no entanto, responder-lhe no que diz respeito aos

SACERDÓCIO

*Por Deus mandado p'ra liar os laços,
Que Adão desfez no paraíso um dia,
O sacerdote há-de seguir os passos
De Cristo, ao longo da sangrenta via.*

*Se o bolchevismo, nestes tempos baços,
Tantas desgraças para o mundo cria,
Não pode o bom cristão cruzar os braços
Em frente de tão negra idolatria.*

*Por isso o sacerdote há-de, na vida,
Proclamar as verdades do Evangelho
Numa luta titânica e renhida;*

*Com viva fé, palavra esclarecida,
Levando a toda a parte o bom conselho,
A herejia infernal será banida.*

UERBA

melhores jornais que se publicam no mundo civilizado e jornalístico dando-lhe, também, uma relação das agências noticiosas que existem em diversos países.

Começando por Portugal, cuja Imprensa dispõe de notáveis jornalistas que têm procurado, na medida do possível e perante o que têm visto lá fora, enriquecer o mundo jornalístico português, o melhor jornal que se publica deve ser escolhido, no meu entender, entre o *Diário de Notícias*, de Lisboa, e o *Primeiro de Janeiro*, do Porto, ambos matutinos. Duma maneira geral a nossa Imprensa, com os seus diversos órgãos, equivale-se a si mesma, estando a escolha do melhor dependente de variadíssimos factores.

No que se publica lá fora, Pierre Denoyer pode servir-nos de guia. Assim, segundo o Chefe da Redacção das *Seleções do Reader's Digest* (que o sr. Miranda certamente conhece, mas que talvez não compre pelo elevado custo de exemplar), os melhores jornais que se publicam no mundo são os seguintes: Na Inglaterra: *Daily Mirror*, com cerca de quatro milhões de exemplares de tiragem (este órgão londrino foi, durante a última guerra, punido com uma advertência), o *Daily Telegraph*, com três milhões de exemplares de tiragem e o *Times*, fundado por John Walter, jornal de elite, com uma tiragem de 300.000 exemplares. Há ainda o *The Daily Worker*, jornal comunista, o *Daily Herald*, órgão do partido trabalhista, com cem mil exemplares de tiragem, e ainda o *Daily Mail*, fundado por Alfred Harmsworth, com

(Continua na 4.ª página)

— Infelizmente para nós, por falta de gostos dos homens de hoje...

— Mas oh! senhora vizinha.

A descrição que fez agora das raparigas, só se refere às da cidade, pois a do campo, como se vêem são robustas, sádias, coradas, e em vez de tábuas rasas, mostram, pelo contrário, que são abonadas, de um patriotismo bem minhoto, que seduz e provoca os rapazes.

— Sim, uma ou outra é demasiado provocadora...

— Então o José do Outeiro já namorava há muito tempo a filha do Francisco do Monte?

— Parece que só a namora depois de vir da tropa.

— Então daqui ao casamento ainda é um dia de juízo!

— Pelos vistos parece-me que não; segundo ouvi dizer tanto um como o outro está com pressa.

— Agora mal principiam a namorar pensam logo em casar.

— Ainda assim...

A rapariga tem sorte, não perde muito tempo!

— Se bem me informaram creia que o casório é lá para os princípios de Agosto.

— Já?

Isso é que é andar a nove...

Bem diz a senhora vizinha que eles estão com pressa.

— É verdade.

Se a memória não me atraiçoar, creio bem que é mesmo a nove de Agosto.

Naturalmente o rapaz quer segurar-se; como ela é muito trocista terá receio de que às duas por três lhe passe as «palhetas» e caia nos braços de outro...

— Isso não acredito; ela é trocista, mas tem bom senso.

E ficam com o Policarpo do Outeiro, com o pai do noivo?

— Julgo que não; segundo me disseram também, o rapaz arrendou a quinta do Vale, do Morgado do Souto.

— Essa é uma boa propriedade, mas o patrão é muito telhudo.

— Também me constou que vai casar.

— Com quem?

— Com uma senhora dos lados de Vieira.

— Então é porque ela tem muito dinheiro, pois o Morgado não dá ponto sem nó!

— Mas que desgraçada ela vai ser com o marido...

— A quem o diz!

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

por «castro» de grandes proporções, ou castelo, depois por uma capela *meira* entre Caldeas e Caires, dizendo que «a imagem do Santo veio para ali do lugar de S. Fins da freguesia de Rendufe e por isso se chamou S. Pedro-Fins por abreviatura de S. Pedro de S. Fins, ou então era corrupção de S. Pedro Felix».

Redundavam outrora os festivais destas capelas fronteiriças, S. Pedro-fins, S.to Ovídio, S.ta Cruz, em arraiais de grossa pancadaria, verdadeiras batalhas entre mancebos das terras circunvizinhas, que para aqui guardavam sistematicamente o tirar desforço de contendias e despiques; especialmente por questões de preferência entre namorados.

E as «cachopas» compraziam-se lá no íntimo com a fama dos valentões, que passava de boca em boca no segredo de umas às outras de suas confissões amorosas.

A origem e razão de ser destes acontecimentos, com que de antemão já contavam os frequentadores destas romarias acidentadas, está bem de ver que se filiavam no exemplo de tradições medievais que os cavaleiros criaram à volta das damas uma auréola de dignidade e de graça e desafiavam em justas e torneios para merecerem-lhes as simpatias.

Se foram de conveniência do momento, que imperou a força bruta, o reflexo de tais exemplos veio empalidecendo à medida que o policiamento dos costumes e o rigor das justas os foi reprimindo e simultaneamente o artificialismo dos desportos também veio a supri-los.

Qualquer daquelas sugestões de Pinho Leal tem pouco cabimento.

O Elucidário de Viterbo, sob a palavra *mâmoa*, discorrendo sobre os diferentes meios naturais e convencionais com que nossos antepassados dividiam os territórios: *arcas, petras fixas, arbores finales, etc.*, apresenta uma razão mais aceitável, e em tal conformidade, S. Pedro-fins (de *fines*) o segundo elemento significa «limites».

Este pico altíssimo também foi conhecido por «Castelo de Espinho» — *Castrum spineum*, por situar-se na «espinha» de todo o sistema montanhoso que se elevava do bico da confluência na bico da Geira, e em correlação com a mesma adequada nomenclatura geográfica de «*Castrum anofrice*» e «*Castrum logenosum*».

O Cristianismo marcou depois com os seus símbolos estes pontos, estas culminâncias que começaram por ser, nos tempos mais remotos, estâncias de primitivos seres humanos.

Estas ermidas, estes primeiros padrões da nossa Crença, não são mais que o sinal com que a piedade cristã santificou vastos cemitérios da pré-história, escolhendo para patronos figuras místicas que o profundo sentimento de religiosidade inspirou por defensores celestiais destes velhos redutos de antigo paganismo, quando sobre eles incidiram os primeiros raios do sol da Redenção.

E começou por aqui e assim a Obra ingente da Cristianização a que havia de dedicar-se a Gente Lusa; sempre no mesmo intento e no mesmo esforço — do cimo destes montes às mais longínquas paragens de novos continentes, no supremo empenho de transformar fortalezas e mesquitas pagãs em cidades e templos do Catolicismo.

Não foi assim que os historiadores profanos pretenderam assentar as bases das civilizações modernas, mas, quer queiram quer não, nunca haverá que desviá-las destes verdadeiros princípios.

E' o mesmo caso da dedicação do monte da «cidade» sobre a Abadia, ao arcanjo S. Miguel.

A sua devoção acompanhou os arautos da Cristandade contra o «infiel».

Conta Alexandre Ferreira, no terceiro tomo de «Memórias de Ordens Militares», que estando D. Afonso Henriques em Santarém, com poucos dos seus e à espera de socorro, veio contra ele Albuquerque, rei moiro de Sevilha, com tão numeroso exército que chegava para povoar seu reino, e assentou arraiais junto da cidade, quando ao mesmo tempo lhe chegou correio com noticia de el-rei de Leão seu primo também entrava por terras do norte.

Resolvera prevenir sua gente e pô-la em ordem de batalha para o dia seguinte.

Posto em oração, rogou ao seu Anjo da Guarda e ao Bemaventurado Arcanjo S. Miguel que viessem em seu auxilio; e com a sua ajuda venceu a multidão dos inimigos.

Sucedeu na peleja que esteve quase ganho por eles o Pendão; e teve nesse momento a impressão de que viu junto de si o braço de um anjo que combatia e o protegia.

Aí teve princípio a Ordem de S. Miguel da Ala, ou da Asa, distintivo que os respectivos cavaleiros traziam sobre o peito, de cor encarnada e esmaltada com perfil de ouro, como se lhe tinha figurado vê-la na batalha; e tinha seu altar em Alcobaça.

(Continuação da 1.ª página)

Tribuna de VILA VERDE

Deliberações da Câmara Municipal em sua sessão de 11 de Junho de 1957

Ofícios

Da Direcção do Distrito Escolar de Braga, pedindo o material didáctico necessário a fim de por a funcionar a escola feminina do núcleo de Codeçal, freguesia de Duas Igrejas. Satisfeito.

Assistência hospitalar

A Manuel Soares, freguesia de Turiz, para consultar um médico psiquiatra.

—A Rosa de Azevedo, da freguesia de Coucieiro, para tirar uma radiografia no Hospital de S. Marcos.

—A Rosa Martins Antunes, freguesia de Coucieiro, para tirar uma radiografia no Hospital de S. Marcos.

Licença para obras

A Arnaldo Vieira Braga, da freguesia de Freiriz, para construir um muro de vedação junto da E. Municipal;

A José dos Prazeres Soares Pereira, da freguesia de Rioma, para construir uma casa.

—A João Dias, da freguesia de Paço, para atravessar o caminho público com uma canalização subterrânea.

Requerimentos

De João Pereira da Cunha, da freguesia de Moure, para vedar uma parcela de terreno junto ao caminho público. Ao sr. Eng. para informar.

Recurso Judicial

Pelo sr. Dr. Delegado do Ministério Público desta comarca, foi interposto recurso à sentença que absolveu Maria da Silva, solteira, da freguesia de S. Pedro de Escudeiros, do concelho de Braga, acusada de crime de infanticídio praticado na freguesia de Sabariz deste concelho.

Quadrilha de ratoneiros

A população de Vila Verde anda alarmada com uma quadrilha de ratoneiros que há uns tempos a esta parte assalta os quintais numa fúria devastadora, levando tudo que encontram mormente galináceos.

Temos feito de polícia para ajuizarmos se será obra de indivíduos que se dedicam à rapina de galinhas para fazer tainas pelas tabernas, mas por mais que investiguemos, não constatamos esse facto.

No entanto os galináceos desaparecem, o que se presume que são vendidos fora da vila e que o seu produto reverte a favor da batota.

Foi isso que apuramos, pois há malandrins que passam as noites a jogar a dinheiro e alguns até às 8 horas da manhã;

É claro que estes indivíduos são pobres, e alguns cheios de

filhos, e mesmo que empreguem a sua actividade em ofícios de pouco rendimento, dada a falta de trabalhos que se vem verificando, estão sujeitos aquele rifão que diz: «Quem cabritos vende e cabras não tem...»

Mas a culpa não é só destes malandrins; é também dos locatários das tabernas em os consentirem dentro das suas portas só com a mira nuns magros centavos que ali gastam, não levando em linha de

conta que esses magros centavos atenuariam, em parte, a fome que os filhos e as mulheres desses desgraçados passam em casa.

Não haverá meio de fazer uma fiscalização mais apertada às tabernas, para evitar tanta miséria?

Para este magro assunto, chamamos a atenção de quem de direito.

D.

Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efecua seguros em todos os ramos
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA M 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

Agência Funerária

DE

Manuel da Cunha

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como:

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruzeiros e todos os serviços deste género.

Sempre grande depósito de luxuosas urnas.

No seu próprio interesse consulte esta casa em Coucieiro—V. Verde ou em Fiscal—Amares

A MODELAR

TIPOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
PAPELARIA

Feira Nova-Amares

A nossa oficina executa toda a espécie de trabalhos tipográficos. Descontos especiais aos assinantes deste Jornal. Fornecemos orçamento prévio quando pedido.

ESTAMOS JÁ A FORNECER
ALGUNS ASSINANTES DO ULTRAMAR